



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

FRANCISCA KEITE PEREIRA DE OLIVEIRA SOUZA

AFETIVIDADE E ENSINO: COMO SE DÁ ESSE PROCESSO PARA O SURDO NO
ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE CARAÚBAS

CARAÚBAS – RN

2020

FRANCISCA KEITE PEREIRA DE OLIVEIRA SOUZA

AFETIVIDADE E ENSINO: COMO SE DÁ ESSE PROCESSO PARA O SURDO NO
ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE CARAÚBAS

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Licenciado em
Letras Libras.

Orientadora: Profa. Me. Isabelle Pinheiro
Fagundes.

CARAÚBAS - RN

2021

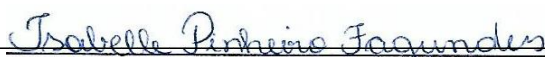
FRANCISCA KEITE PEREIRA DE OLIVEIRA SOUZA

AFETIVIDADE E ENSINO: COMO SE DÁ ESSE PROCESSO PARA O SURDO NO
ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE CARAÚBAS

Monografia apresentada a
Universidade Federal Rural
do Semi-Árido, como
requisito para a obtenção de
grau de Licenciado em Letras
– LIBRAS.

Aprovado em: 26 de maio de 2021

BANCA EXAMINADORA



Profª. M^{te}. Isabelle Pinheiro Fagundes
Orientadora



Profª. Me. Mariane Linhares da Silva - UFERSA
Examinador



Profª. Dr. Maria Ghisleny de Paiva Brasil – UFERSA
Examinadora

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S719a Souza, FRANCISCA KEITE PEREIRA DE OLIVEIRA. AFETIVIDADE E ENSINO: COMO SE DÁ ESSE PROCESSO PARA O SURDO NO ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE CARAÚBAS / FRANCISCA KEITE PEREIRA DE OLIVEIRA Souza. - 2021. 45 f. : il.

Orientador: ISABELLE PINHEIRO FAGUNDES. Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Libras, 2021.

1. AFETIVIDADE. 2. PROCESSO DE ENSINO. 3. SURDO. I. FAGUNDES, ISABELLE PINHEIRO, orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Dedico este trabalho à Deus a quem;

*Dou graças a Cristo Jesus, nosso Senhor, que me deu forças e
me considerou fiel, designando-me para o ministério (1 Timóteo
1:12)*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por, ao longo curso ter feito-me ver o melhor caminho a seguir, nos momentos de crise existencial ao qual nesse processo de aquisição de conhecimento é muito recorrente, onde muitas vezes pensei em desistir, mas foi graças ao meu Deus que sempre me sustentou e segurou na minha mão mantendo-me de pé, hoje estou aqui para concluir essa jornada.

Aos meus pais, eu devo a vida e todas as oportunidades que nela tive e espero com todo meu amor um dia poder lhes retribuir todo zelo e amor por eles depositados em mim.

Ao meu esposo Emerson sou grata pela paciência e apoio de sempre, onde com todo amor e zelo permanentemente me ajudou, aconselhando-me e incentivando-me nessa jornada.

Aos meus filhos Vinicius Müller e Nicolas Gabriel gratulo por serem meu pilar, por estarem a todo momento ao meu lado fazendo-me acreditar na minha força, para continuar e finalizar essa etapa da vida onde eles são o meu motor impulsionador.

Regracio aos meus professores a orientação, paciência e sabedoria. Pois foram eles que me deram ferramentas metodológicas para evoluir um pouco a cada dia.

Gratifico aos meus amigos pelo apoio e companheirismo desde o início dessa luta diária, dividindo todos os anseios.

A todos meu muito obrigada!

RESUMO

A dimensão afetiva no processo de ensino-aprendizagem foi enfatizada no presente estudo tendo como embasamento teórico acerca da afetividade os teóricos da psicologia do desenvolvimento Henri Wallon, Piaget, Vygotsky, uma vez que a pergunta geradora de minha inquietação é originária do desejo de querer saber; como é praticada a afetividade no processo de ensino para aluno surdo no ensino fundamental na cidade de Caraúbas? E para responder essa pergunta epistêmica traçamos como objetivo geral analisar a afetividade no processo de ensino para surdo no ensino fundamental da cidade de Caraúbas. E como objetivos específicos verificar como se dá esse processo de ensino para surdo no ensino fundamental, identificar por meio de narrativas (auto) biográficas elementos relevantes para verificar as práticas afetivas no processo de ensino para surdo no ensino fundamental. De modo que a afetividade é algo que se faz necessário na vida de uma criança independente de sua subjetividade, o corpus utilizado para análise foi originário de duas entrevistas narrativas realizadas com uma professora e uma interprete do município de Caraúbas/RN. Os objetos de análise foram obtidos no início do ano de 2021 por meio das entrevistas narrativas assim sugeridas por Jovchelovitch e Bauer (2002) as narrativas permitiram as profissionais refletir e narrar sobre suas experiências profissionais com aluno surdo, refletir e narrar acerca de elementos relevante como a afetividade no ensino do aluno surdo. As análises das narrativas indicaram que a afetividade exerce um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem do surdo.

Palavras- chave: Afetividade; Processo de Ensino; Surdo.

ABSTRACT

The affective dimension in the teaching-learning process was emphasized in the present study, having as a theoretical basis about affectivity the developmental psychology theorists Henri Wallon, Piaget, Vygotsky, since the question that generates my restlessness originates from the desire to want to know; How is affectivity practiced in the teaching process for deaf students in elementary school in the city of Caraúbas? And to answer this epistemic question, we outline as a general objective to analyze the affectivity in the teaching process for the deaf in basic education in the city of Caraúbas. And as specific objectives to verify how this process of teaching for the deaf in elementary school takes place, to identify through (self) biographical narratives relevant elements to verify the affective practices in the process of teaching for the deaf in elementary school. So that affection is something that is necessary in the life of a child regardless of their subjectivity, the corpus used for analysis originated from two narrative interviews carried out with a teacher and an interpreter from the city of Caraúbas/RN. The objects of analysis were obtained in early 2021 through narrative interviews suggested by Jovchelovitch and Bauer (2002), the narratives allowed professionals to reflect and narrate about their professional experiences with deaf students, reflect and narrate about relevant elements such as affectivity in the teaching of deaf students. The analysis of the narratives indicated that affectivity plays a fundamental role in the teaching-learning process of the deaf.

Keywords: Affection; Teaching Process; Deaf.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: FASES PRINCIPAIS DA ENTREVISTA NARRATIVA.....	26
Tabela 1: PERFIL DOS COLABORADORES.....	29

LISTA DE SIGLAS

GEPENAE – Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação.

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

UFERSA – Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

L1- Libras como primeira língua

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. HISTÓRIA DE UMA VIDA: UM BREVE RESGATE DE MEMÓRIAS AFETIVAS NA MINHA JORNADA ESCOLAR.	14
3. AFETIVIDADE	17
4. A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO	22
5. METODOLOGIAS DE ENSINO PARA SURDO AO LONGO DA HISTÓRIA.....	28
6. PERCUSO METODOLOGICA DA PESQUISA.....	33
6.1 PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO.....	33
6.2 MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO	33
6.3 COLABORADORES DA PESQUISA	35
7. AFETIVIDADE E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS NARRATIVAS DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO.....	36
7.1 SENTIMENTOS E ENSINO, TROCA DE SABERES	37
7.2 FUNCIONALIDADE AFETIVA EM SALA DE AULA PARA SURDO	39
7.3 DIFERENÇAS AFETIVA NO ENSINO DE SURDOS EXISTE?	40
8. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	43

1. INTRODUÇÃO

O afeto, é um assunto que precisa ser conversado no processo educativo oficializado do nosso país, pois é tão relevante quanto às metodologias de ensino usadas no cotidiano escolar. Segundo alguns teóricos da psicologia do desenvolvimento, como Piaget, Vigotski e Wallon, o afeto ocupa um espaço significativo na construção do conhecimento, e é fundamental no desenvolvimento da pessoa.

Refletir sobre a afetividade no ensino é necessário, porém quando se trata do processo de ensino aprendizagem de um discente que já é marginalizado linguisticamente e metodologicamente pelo sistema, torna-se uma discussão ainda mais relevante e necessária. Acreditamos, com base em Wallon (2006), na importância da afetividade no desenvolvimento humano, pois a partir dela há um estabelecimento nas boas relações sociais e na construção do sujeito.

No que concerne ao discente que já é marginalizado linguisticamente e metodologicamente, nos referimos ao educando surdo, que tem como sua língua natural a Libras, esta que deveria ser também sua L1, no entanto, não é isso que ocorre, pois ao entrarem na escola, eles se deparam com o ensino de Língua Portuguesa, através da Língua Portuguesa, causando uma “frustração” no aluno surdo.

Isto posto, surgiu em nós uma curiosidade epistêmica de compreender como é praticada a afetividade no processo de ensino para aluno surdo no ensino fundamental na cidade de Caraúbas? Dessa maneira, para tentarmos responder essa inquietação lançamos mão de um objetivo geral que consiste em analisar a afetividade no processo de ensino para surdo no Ensino Fundamental da cidade de Caraúbas, e como objetivos específicos, verificar como se dá esse processo de ensino para surdo no Ensino Fundamental e identificar por meio de narrativas (auto)biográficas elementos relevantes para pensar a afetividade no processo de ensino do aluno surdo.

Se entendermos a afetividade também como um processo de empatia, perceberemos que não há uma empatia metodológica e linguística no caso do ensino para surdo nas escolas regulares. Dessa maneira, é através do afeto que se constrói uma relação positiva que poderá levar o discente a uma melhor aprendizagem baseada no respeito, na confiança e na liberdade para que esse aluno se entregue ao prazer de aprender.

Analisar a afetividade no processo de Ensino Fundamental do aluno surdo da cidade de Caraúbas, nos permitirá identificar algumas práticas afetivas já utilizadas no processo de ensino, e com isso refletir sobre elas. Essa reflexão nos permitirá perceber na

ação do professor, enquanto mediador de conhecimento, o quanto a afetividade é relevante, pois é através do afeto que o professor criará um vínculo positivo com esse aluno que por muitas vezes fora deixado a margem do processo de ensino aprendizagem.

A afetividade precisa estar constantemente presente na vida da criança independente de cor, raça, religião ou estado físico, mas ainda a uma objeção na valorização da mesma em sala de aula, haja visto, que as escolas ainda estão muito fechadas com o método tradicionalista do ensino o qual não valoriza as experiências da vivência na formação do aluno surdo. O aluno surdo é mantido em sala de aula apenas para se cumprir a inclusão¹, sendo muitas vezes impedido de expressar-se por limitações de comunicação com professor.

Talvez um dos fatores que corrobore com isso seja a falta de formação continuada, que a princípio não nos aprofundaremos nessa questão, mas para se ter domínio de uma segunda língua e estratégias metodológicas que viabilizem o ensino para surdo são necessários cursos, contato com a comunidade surda entre outras coisas.

Mas se o professor não se dispuser a buscar solução ou outras estratégias, se mantendo apenas no seu método tradicionalista, infelizmente ele não conseguirá incluir de fato o aluno surdo na sala de aula. Portanto, é através do afeto que o professor se coloca no lugar do outro, buscando conhecer sobre o seu aprendiz, sobre a cultura a que ele pertence e dessa forma cria estratégias de ensino para seu aluno, buscando relações na comunidade de seu educando para assim criar-se um vínculo linguístico e cultural. Pois é o afeto um instrumento que proporciona a integração do aluno surdo com a sensibilidade, através da motivação e da conscientização, buscando formar um cidadão crítico e reflexivo. Iniciamos a pesquisa trazendo um breve resgate de experiências afetivas vivenciadas por mim na minha jornada escolar e acadêmica, e para darmos continuidade no desenvolvimento do trabalho traçamos três seções onde na primeira discorreremos sobre afetividade tivemos como respaldo teórico Wallon (1945), Piaget (2003), Greenberg (1996), na segunda a relevância da afetividade no ensino nos debruçamos em Vygotsky (1996), Vasconcelos (1995) e na terceira trouxemos metodologias de ensino para surdo¹ ao longo da história tendo como embasamento teórico Gesser (2012), Quadros (1997) dentre outros autores .

¹ O aluno surdo é inserido no contexto educacional apenas para normatizar o aspecto legal de está incluso, mas não tem um ensino realmente voltado para ele.

2. HISTÓRIA DE UMA VIDA: UM BREVE RESGATE DE MÉMORIAS AFETIVAS NA MINHA JORNADA ESCOLAR.

Eu, Francisca Keite Pereira de Oliveira Souza, nascida na cidade de Olho D'água do Borges em 17/01/1986, filha de Francisco Emídio de Oliveira, agricultor e de Maria de Lourdes Pereira de Oliveira também agricultora. Desde criança carreguei comigo o sonho de fazer uma graduação sonho esse incentivado pelos meus pais, eles são exemplos de honestidade e amor, cresci em uma família muito afetiva eu e minhas irmãs Keila, Kaline e Aline sempre fomos muito amadas.

Trago em minhas recordações lembranças da minha vida onde teve início na cidade em que nasci, lembro-me com carinho do zelo e cuidado de minha mãe que todos os dias ia deixar-me e pegar-me na escola, é importante destacar que a escola ficava cerca de 30 metros de nossa casa, mas isso era uma forma de me incentivar e me fazer sentir-me segura com aquela demonstração de afeto a qual é de muita relevância para o desenvolvimento cognitivo e social de toda criança.

Outro fato o qual destaco aqui nesse início de vida escolar foi uma professora muito comprometida com o ser educador e com a relevância da afetividade, sim hoje sei que aquelas ações expressadas por ela a minha pessoa têm essa nomenclatura AFETIVIDADE, ações essas que me motivaram e me deixaram segura.

Eu sempre fui muito ansiosa e essa ansiedade me atrapalhou e me fez aprender a ler um pouco mais tarde levando em consideração o desempenho dos demais alunos. Tal ansiedade me deixava nervosa, com medo de errar e ser repreendida devido outras experiências afetivas negativas que eu tinha vivenciado. Mas foi com todo amor, carinho e paciência que essa professora me encorajou e me incentivou ensinando cuidadosamente as primeiras palavras criando assim um vínculo entre nós duas. Porque não era incapacidade minha e sim uma experiência negativa por mim vivenciada antes de encontrar essa professora que fez o diferencial em minha aprendizagem, no meu desenvolvimento cognitivo inicial, são ações assim afetivas que faz todo diferencial no desempenho do aluno.

Ao fechar os olhos lembro-me com nitidez daquele rostinho branco e bem definido com cabelos cacheados ruivos me ensinando, pegando na minha mão com todo amor, foi esse afeto que me encorajou deixando-me confiante e segura, aprendi a lê em pouquíssimo tempo e ela me marcou e ainda hoje me inspira. Perdi o contato com essa

professora, pois era muito criança e tive que mudar de cidade, mas mesmo distante e com todos esses anos ela ainda é minha inspiração de como deve ser um educador.

Mudei junto com minha família para morar na cidade de Mossoró onde meu pai trabalhava em uma fazenda de plantação de melão, lá continuei os estudos sempre em escola pública, minha mãe continuava com o mesmo zelo com a minha educação e das minhas irmãs. Em Mossoró fiz até o 6º ano (5ª série, na época), mas na metade daquele ano tivemos que nos mudar novamente de cidade, dessa vez, viemos morar aqui na cidade de Caraúbas onde dei continuidade aos estudos, pois minha mãe sempre tinha a preocupação de nos matricular na escola antes mesmo de fazermos a mudança, para assim garantir os nossos estudos.

O sonho de me formar sempre esteve guardado comigo no fundo do meu coração, sonho esse que não é só meu, mas também de meus pais, porém pulei algumas etapas acadêmicas antes de ingressar na universidade. Casei, tive meu primeiro filho antes mesmo de concluir o ensino médio, mas isso não foi empecilho para meus estudos, continuei estudando e conclui o ensino médio em 2005 e segui fazendo cursos profissionalizantes e estudando em casa, porém em 2008 tive meu segundo filho e dei uma breve pausa nos estudos, mas logo voltei a rotina de estudos e em 2015 pra minha felicidade e de minha família ingressei na universidade. Esses períodos de experiências por mim vividos e aqui citados contribuíram para construção do meu eu de quem sou hoje independente das opiniões adversas de terceiros.

O periodismo é a fabricação da informação e a fabricação da opinião. É quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam o mesmo espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual do sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. (LARROSA 2002, pag.22)

Com tudo Larrosa (2002) destaca a relevância de se viver cada momento independente de período ou fase da vida. Se eu não tivesse vivido cada momento livre das opiniões eu jamais teria vivido minhas experiências de vida que foram muito importantes para mim, para moldar-me enquanto pessoa, mulher e mãe, pois só através das experiências é possível realmente sabermos quem somos e quem queremos ser.

O ano de 2015 foi muito importante para mim. Foi o ano em que entrei para Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, no curso de Licenciatura em

Letras Libras, escolhi esse curso, porque o que eu queria de fato fazer não tinha aqui na cidade de Caraúbas que é o de serviço social. Além disso, Libras se tornou minha opção porque eu já tinha tido contato com surdo, que só se comunicava por gestos dessa forma, aguçou-se ainda mais em mim o desejo de participar desse curso superior no intuito de ajudar as pessoas que são excluídas da sociedade por causa do preconceito e por falta de comunicação.

O que mais me marcou e marca aqui na universidade durante esses 5 anos de graduação é a trajetória e a afetividade de minha professora e agora orientadora Isabelle Fagundes, pela pessoa que ela é. Pois antes de tudo ela é humana, afetiva, talentosa e sua jornada de vida, cujo caminho percorrido por ela para se tornar quem é, me encoraja, me motiva a sempre buscar os meus sonhos.

Me espelhar nela faz-me querer ser essa educadora que compreende seu educando, que escuta, aconselha, encoraja. Pois aqui na universidade foi nela que encontrei apoio nos momentos mais difíceis, momentos esses, os quais, estava em crise existencial motivado pela minha ansiedade e medo de errar onde me sentia um nada a última pessoa do mundo naquele momento. Mas foi nela, que encontrei apoio e compreensão tranquilizou-me, encorajou-me com todo amor, fez-me sentir especial e capaz não permitindo desistir.

Ela não é só professora, antes de tudo, é amiga conselheira e extremamente afetiva. É um ser de luz o qual tem abrilhantado todos esses anos de graduação, me instiga a querer ser uma educadora comprometida com meus futuros educandos criando vínculo e fazendo assim um ciclo de confiança e respeito para com eles. Essas experiências de afetividade que tive ao longo de minha jornada escolar e universitária me molda a professora que quero ser para meus futuros alunos.

Segundo Larrosa (2002) a experiência é o que nos passa, o que nos acontece o que nos toca. Diante do que nos diz Larrosa (2002) esses fatos por mim vividos são experiências as quais me norteiam a quem quero ser e o caminho a querer seguir. Desejo verdadeiramente que quando concluir a graduação possa desenvolver um belo trabalho na educação, vou fazer uma especialização na área do ensino infantil, pois o que mais me emociona é vê o brilho no olhar de uma criança surda no momento da descoberta da linguagem. Confesso que não há coisa mais gratificante do que vê uma criança feliz e com direito de aprender dentro de sua cultura seja ela surda ou ouvinte.

3. AFETIVIDADE

A afetividade é um termo que deriva da palavra afetivo e afeto. Denomina a característica que engloba todos os fenômenos afetivos. Para Wallon (1934, pag.49) a afetividade concerne na aptidão do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/ interno por fenômenos referentes a nuances agradáveis e desagradáveis. Ser afetado é reagir com ações internas/externa a situação despertada.

Wallon (1945, pág. 70) não coloca a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões: motora, afetiva e cognitiva que coexistem de forma integrada. Ou seja, recusando-se abordagens que reduzissem o desenvolvimento humano apenas a uma dessas dimensões, assim, uma das principais bandeiras defendidas por Wallon é de que a escola deve oferecer formação integral aos estudantes, quer dizer formação afetiva, intelectual e social sua teoria representa um marco importante no pensamento pedagógico pois até então a afetividade era uma variável pouco considerável no processo educativo.

Os trabalhos de Wallon estão nos campos da psicologia genética e da psicologia do desenvolvimento, é relevante não se atrapalhar psicologia genética com epistemologia genética, elas se confrontam, mas não são a mesma coisa, a epistemologia genética é a teoria psicológica desenvolvida por Jean Piaget em seus estudos sobre como os indivíduos constroem conhecimento, ou seja, Piaget queria saber como alguém passa do não conhecimento para o estado de conhecimento.

A psicologia genética está mais interessada em saber quais as origens dos processos psíquicos, desse modo pode-se dizer que a teoria epistemológica genética de Piaget se interessa pelas origens da compreensão já a psicologia genética interessa-se pelas origens dos processos psicológicos.

A relação social a qual a criança está inserida é fator fundamental no processo de desenvolvimento dela, o contato com um adulto que carrega um vasto conhecimento cultural é de suma relevância, assim, sendo um facilitador desse desenvolvimento, é partir daí que a criança desenvolve o processo de organização do controle de comportamento individual.

Nesse seguimento, podemos afirmar que a relação professor x aluno é fator essencial no processo de aprendizagem, no caso das crianças surdas, essa relação será bastante complexa, caso não haja empatia por parte do professor em querer buscar uma

comunicação dentro da realidade cultural do aluno surdo, para assim, estabelecer uma relação de afeto e compreensão.

Wallon (1946, p. 59), revela ainda que "o estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo."

Por meio dessa afirmação de Wallon (1946) é possível dizer que a criança não é resultado linear do meio que ela vive, porque a criança muitas vezes convive nesses vários meios, meios muitas vezes heterogêneos e é essa relação com esses vários meios que vai contribuir na sua construção enquanto sujeito. Quando se fala desses vários meios podemos destacar o meio da família onde acontece o primeiro contato social no qual ela interage, o escolar que é essencial na construção educacional e desenvolvimento da criança. E de outros meios que correspondem aos dos valores podendo ser valores familiares, culturais, sociais, religiosos etc. Dessa maneira, faz-se necessária a relação afetiva na formação, na construção de identidade da criança e de sua cognição, na qual a afetividade é fator fundamental do desenvolvimento humano.

Para Silva (2002), na esfera da ciência, o afeto foi pioneiramente estudado pela psicologia. Procurava-se compreender separadamente os processos cognitivos e afetivos, uma vez que acreditava-se que o afeto associava-se a uma visão frívola e distorcida da realidade. Ou seja, anteriormente os estudos eram centrados no comportamento exterior humano deixando em segundo plano as emoções.

Segundo Piaget apud Souza (2003), afetividade e cognição são diferentes em natureza, mas estão interligadas no desenvolvimento psicológico. A dualidade entre razão/afeto torna-se compreensível quando os dois termos são vistos como complementares, o afeto é o motor impulsionador da ação, enquanto que a razão é o que permite o sujeito identificar sentimentos distintos e alcançar sucesso nas ações.

Ou seja, afeto é de suma relevância no desenvolvimento humano e é por meio dele que instiga a busca pelo conhecimento. A relação de aluno professor é o que determina o sucesso das ações tanto do professor enquanto mediador do conhecimento, quanto do aluno na busca pelo conhecimento, pelo saber e no seu agir enquanto ser reflexivo. O afeto não modifica as estruturas cognitivas, mas é como se fosse um energético das condutas. Piaget (2014) agrega elementos a relação de afetividade e cognição são os valores. Segundo Piaget os valores aparecem na troca afetiva que o sujeito realiza com o mundo exterior seja objeto ou pessoas. A consequência dessa relação, ele intitula de

intelectualização dos sentimentos, cognitivamente ordenados, constituindo um sistema de valores particular.

Isto significa que Piaget vem ressaltar a relevância das experiências afetivas na construção do ser humano com senso crítico reflexivo. É possível perceber isso ao longo da fala dele quando apresenta fatos sobre como a relação afetiva contribui no desenvolvimento cognitivo na vida de uma criação tomada por exemplo, que é a partir da relação com o outro com o mundo externo que a criança amadurece, se desenvolve e vai desenvolvendo suas subjetividades suas particularidades enquanto sujeito.

Greenberg (et al, 1996) aborda a temática sobre afeto, eles mostram uma concepção distinta entre a relação cognição e emoção, Greenberg (et al, 1996) resume que existe uma complexidade imbricando essas categorias: afeto, cognição, motivação e ação. Ao passo que a emoção indica o que está sendo afetado ela estabelece uma meta para que se possa alcançá-la, já a cognição auxilia a dar sentido a experiência, bem como, a razão ajuda a atinar a melhor maneira de alcançar a meta.

Em síntese o afetivo estabelece as dificuldades para que o cognitivo os resolva. O afeto a cognição representado aqui por Greenberg (et al, 1996), apresenta a relevância no desenvolvimento do ser reflexivo, dando mecanismos para refletir sobre determinadas situações ao longo de sua vida. Quando os autores nos dar pontos referentes a essas ações e possíveis soluções acerca de situações problemáticas, no qual o afeto, juntamente com outras categorias buscam a solução, é notório a cumplicidade de um mecanismo com o outro para o discernimento reflexivo em distintos momentos do ser humano.

O ser humano aprende por meio do legado de sua cultura e da interação com os outros humanos, a agir, a pensar a falar e também a sentir [...] nesse sentido, o longo aprendizado sobre emoções e afeto se inicia nas primeiras horas de vida de uma criança e se prolonga por toda sua existência. (Oliveira 2001, p,23).

O desenvolvimento de uma criança não acontece de forma linear, esse desenvolvimento é resultado de vários meios as quais ela tem contato desde as primeiras horas de vida, esse mix de informações histórico-social, familiar, religioso, escolar, cultural etc. o qual ela é exposta ao longo de sua vida é o que vai moldá-la. As experiências afetivas vivenciadas por ela, seja positiva ou negativa é que vai influenciar em suas emoções e conseqüentemente em suas ações, pois é por meio de suas reações que ela pode exteriorizar seus sentimentos em se tratando de suas experiências vivenciadas.

É possível perceber esse fenômeno de reação de uma experiência afetiva negativa em uma sala de aula por exemplo, quando uma criança se nega a ir à escola, não participa das aulas, fica retraída e reclusa. Já uma experiência afetiva positiva é possível perceber pelo interesse da criança na aula querendo sempre ser o primeiro a responder à pergunta para que haja aquela troca entre ela e a professor (a), se sente confortável na sala de aula, brinca e gosta de ir à escola diariamente.

Portanto segundo Oliveira (2001) os instrumentos culturais interiorizados tornam-se mecanismo que mediam a transformação do domínio afetivo durante todo percurso de vida do sujeito, distanciando-o assim da sua origem biológica. De modo que os processos cognitivos e afetivos; maneira de pensar, de sentir estão carregados de conceitos (sentidos) relação e práticas sociais que os concebe enquanto sujeitos-histórico social.

As emoções são organizadas, geradas e nomeadas de diversas maneiras e diferentes grupos culturais, haja visto que a afetividade humana é constituída culturalmente. Wallon (2007) compartilha do pensamento de que emoção e razão estão ligadas, atribui a afetividade o papel central na construção da percepção dos fenômenos próprios da existência, psíquico, social e orgânico.

Segundo Galvão (2003), Wallon tem por objetivo de estudo, a gênese dos processos psíquicos que formam a pessoa, baseando-se em uma visão não fragmentada da progressão humana e procurando compreendê-la do ponto de vista do ato motor da afetividade e da inteligência, assim também como nas relações que o indivíduo estabelece com o meio.

Ou seja, ele reafirma a relevância da interação afetiva entre os indivíduos para o desenvolvimento cognitivo e social dos seres humanos, Wallon deixa claro que razão e emoção andam lado a lado uma da outra no desenvolvimento do ser, cada uma com sua subjetividade, porém ambas com um nível de importância primordial no desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Dedicado aos estudos da relação afetiva no desenrolamento humano desde os princípios da vida, Wallon (2007) constatou que é nesse período que as emoções é fator importante de modo que o bebê estabelece suas primeiras relações com a mãe e outras pessoas, e assim começa a apresentar preferência em oposição de pessoas e de objetos. Ou seja, é a partir dessa primeira experiência que a criança começa a selecionar suas preferências seja elas favoráveis a uma relação ou não, tal relação vai depender de como aconteceu esse primeiro contato, se aconteceu de forma afetiva ou não.

Mas como se daria essa recusa em se tratando de um bebê? Ele se manifestará com o choro o que é um dos recursos utilizado por ele para satisfazer suas necessidades, isso é chamado por Wallon de estágio impulsivo emocional. Por exemplo, a criança tem uma espontaneidade natural se for tratada de forma desconfortável ela recusará de imediato o contato com essa pessoa que a desagradou, o mesmo se dá com objetos (uma roupinha que cause desconforto), dessa forma podemos dizer que é nos primeiros dias de vida que as crianças começam a dar início as suas preferências.

A criança por ser impossibilitada de efetuar algo sozinho, é conduzida (trabalhada) pelo o outro e é nos movimentos (ações) deste outro, que suas primeiras atitudes tomarão forma. Tornando as emoções exteriorização de suas experiências afetivas em forma de manifestações expressivas e complexas, permite que a criança dê início a formação de sua consciência e de suas disposições próprias, disposições essas que se constituem a partir da interação com o outro. Sendo assim, o emocional sempre terá impacto na dinâmica cognitiva, persistindo na inseparabilidade dos campos funcionais e propondo que é por meio da coesão social causada pela emoção que a criança constitui sua identidade a qual é instrumento fundamental da sua atividade intelectual.

Cognição e afetividade estão imbricadas, pois uma depende da outra, ou seja, estão sobrepostas uma à outra. Para Wallon (1979, p.12) existe diferentes estágios do papel da afetividade no desenvolvimento da pessoa, são eles:

- ✓ Estágio impulsivo emocional (0 a 1 ano) a criança expressa sua afetividade por meio de movimentos desordenados, em respostas a sensibilidades corporais dos músculos (proprioceptivas) e das vísceras (interoceptivas) e do mundo externo (sensibilidade exteroceptiva), para satisfazer suas necessidades básicas.
- ✓ Estágio sensório motor e projetivo (1ano a 3anos) já dispondo da marcha e da fala, a criança volta-se para o mundo externo (sensibilidade exteroceptiva), para o contato e a exploração de objetos e pessoas de seu contexto.
- ✓ Estágio personalismo (3anos a 6anos) é a fase de se descobrir diferente das outras crianças e do adulto. Compreende três fases: oposição, sedução e imitação.
- ✓ Estágio categorial (6anos a 11anos) com a diferenciação mais nítida entre o eu e outro, há condições para exploração mental do mundo externo, mediante atividades cognitivas de agrupamento, classificação, categorização em vários níveis de abstração.
- ✓ Estágio puberdade e adolescência (11anos em diante) aparece aqui exploração de si mesmo, em busca de uma identidade autônoma, mediante atividade de

confronto, autoafirmação, questionamento. O domínio de categoria de maior nível de abstração entre as quais as categorias dimensão temporal, possibilita a discriminação mais clara dos limites de sua autonomia e de sua dependência, acrescida de um debate sobre valores.

- ✓ Idade adulta apesar de todas as transformações ocorridas nas fases anteriores, adultos se reconhece como mesmo e único ser: reconhece suas necessidades e limitações, seus sentimentos e valores, assume escolhas em decorrência de seus valores. Há um equilíbrio entre “estar entrado em si” e “estar centrado no outro”.

Dessa maneira, Wallon (1979) apresenta-nos que a cognição e afetividade se constitui reciprocamente, em uma complexa relação de interdependência, visto que uma relação negativa de afeto impacta de maneira prejudicial no desenvolvimento intelectual do sujeito muitas vezes de forma irreversível, causando bloqueios no seu desenvolvimento. Para algumas crianças a aprendizagem depende da relação afetiva entre professor e aluno. Dessa forma faz-se necessário dizer que o sujeito é resultado do meio em que vive e de suas experiências de vida social e cultural.

4. A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO

A afetividade tem fator de suma relevância no processo de ensino, pois do ponto de vista epistemológico afetivo e intelectual, as duas formas acontecem de maneira integrada, uma vez que as duas dialogam entre si, sendo decisivo na metamorfose do fisiológico para o psicológico, ou seja, passando de uma necessidade física para um estado de fenômenos emocionais no qual podemos chamar de afetividade, pois é através da afetividade que exteriorizamos nossas emoções.

Analisando o estudo da emoção, pode-se, segundo Vasconcelos (1995), considerá-la como sendo fundamental no entendimento do convívio social, visto que a emoção ocasiona reflexos análogo no outro, tais trocas contribuem na cognição. Haja visto que o outro a quem admiramos torna-se modelo a ser seguindo. Sendo assim faz-se necessário a reflexão da ação dos professores enquanto mediadores de conhecimento.

Vygotsky (1966) ressalta que o indivíduo é resultado do meio em que ele vive, a relação com o outro e com a cultura, é essa relação que constitui a construção do psicológico do sujeito que é fundamental para aprendizagem do mesmo, onde o sujeito sente-se capaz, e seguro de si. No que diz respeito ao discente que é estigmatizado de

incapaz linguisticamente e metodologicamente, como o educando surdo, que tem como sua língua natural a Libras, onde está deve ser também sua L1, levando em consideração o que nos propõe o autor essa seria a melhor maneira de relacionamento do educando surdo em sociedade, a comunicação e aprendizado dentro de sua cultura visual fazendo uso de sua língua natural para assim favorecer na construção do seu psicológico e do seu desenvolvimento cognitivo

No entanto, não é isso que ocorre, pois ao entrarem na escola, eles se deparam com o ensino de Língua Portuguesa, causando uma “frustração” no aluno surdo. Se entendermos a afetividade também como um processo de empatia, perceberemos que não há uma empatia metodológica e linguística no caso do ensino para surdo nas escolas regulares.

Salientamos que é através do afeto que se constrói uma relação positiva que poderá levar o discente a uma melhor aprendizagem baseada no respeito, na confiança e na liberdade para que esse aluno se entregue ao prazer de aprender. Briggs (2000) ressalta a influência do afeto na construção do desenvolvimento da criança atestando que “ajudar as crianças a desenvolver sua autoestima é a chave de uma aprendizagem bem-sucedida”. Dessa maneira, a relação professor e aluno serão positivamente produtivas, quando se é respeitado a subjetividade e particularidade de um todo.

Apresentaremos fatos que corroboraram para destacar a relevância da afetividade no ensino através de uma pesquisa desenvolvida por Saud, 2005 que elaborou uma pesquisa com alunos de ambos os sexos, do ensino fundamental. Na tentativa de efetivar a relevância da afetividade no processo de desenvolvimento cognitivo do sujeito apresentaremos de forma sucinta dados da pesquisa desenvolvida pela referida autora. Saud (2005) fez uma entrevista com alunos do Ensino Fundamental com idades entre 6 e 7 anos, que na oportunidade esses alunos relataram suas experiências do dia a dia escolar:

A) – contar história é legal. ...também é legal quando marca brincadeira para fazer lá na quadra[...]. É muito legal. (grupo de meninas)

B) – A gente viu também um esqueleto.

- É muito legal.

- Eu achei muito “da hora” (grupo de meninos)

- Outro dia a professora foi lá na quadra [...] era de mentira, de borracha era pra montar. (grupo de meninas)

Através dessa pesquisa desenvolvida por Saud 2005 é possível constatar os benefícios pedagógicos que podem ser obtidos no processo de ensino-aprendizagem através de estratégias pedagógicas lúdicas desenvolvidas por essas professoras. Tais relatos apresentam que foram construídas condições que favorecem a aprendizagem, nesse contexto possibilitando um clima de desinibição e intimidade gerando assim confiança entre alunos e professoras. Também é possível notar que durante a entrevista as crianças deixaram transparecer emoções através dos sentimentos, respeito, empatia, confiança, segurança, carinho e admiração por meio de seus relatos.

-Ela brinca na sala de aula com a gente.

- É bem legal (a professora)

- Ela não briga muito

- É só... um pouquinho

-Ela dá aula gostosa ...

-Ela ensina assim as coisas, é... direito assim

-Depois ela corrige na lousa.

Em síntese, trouxemos os dados dessa pesquisa para constatar e comprovar a relevância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, no desenvolvimento cognitivo do ser humano. Por meio dos relatos, os alunos apresentam suas experiências agradáveis em que suas totalidades se sobressaíram das desagradáveis. Dessa forma, a afetividade representada por meio das experiências agradáveis foi garantia de motivação a querer estudar, a participar das aulas e assim ter uma aprendizagem significativa.

No entanto não podemos colocar de lado as experiências desagradáveis e sim fazer uma reflexão na ação, acerca dessas experiências para que futuramente possa, o professor, ressignificar suas ações na ação. Por meio da didática é possível fazer essa reflexão uma vez que é o processo didático pedagógico que permite o professor se moldar rever suas ações enquanto mediador do conhecimento. Da mesma forma que o ensino-aprendizagem está de maneira direta ou indireta presente no relacionamento humano.

Os humanistas vêm a relação interpessoal como sendo o centro do processo ensino-aprendizagem, tem uma experiência subjetiva, particular e afetiva no processo de ensino. A didática deve buscar mecanismos para solucionar possíveis ações negativas na

relação professor x aluno e aluno x professor fazendo uso da empatia e considerando as subjetividades de seus alunos.

Assim sendo, Almeida (1999) nos diz que as relações afetivas evidenciam, pois, a transmissão do conhecimento, implica necessariamente uma interação entre pessoas. Portanto na relação professor(a)-aluno, uma relação de pessoa a pessoa, o afeto está presente. Ou seja, a relação interpessoal respeitosa, confiável e empática é de suma relevância no desenvolvimento cognitivo, social e pessoal de qualquer indivíduo.

O ensino afetivo é a via de acesso que deve ser adotada em sala de aula, demonstrando afeto por meio do respeito; respeito enquanto a aceitação das diferenças como um todo, demonstrando responsabilidade, dedicação e amor. E se tratando de responsabilidade pode-se efetivar por meio da busca em solucionar possíveis dificuldades interacional com seus educandos.

No que concerne ao aluno surdo pode-se buscar conhecer e aprender sua língua natural que é a língua de sinais para assim resolver a falha comunicacional entre os mesmos, no qual dificulta o aprendizado desse aluno surdo. E quando se fala de amor e carinho a atitude da busca pela comunicação acessível para o aluno surdo, já demonstra uma forma de afetividade, pois o professor(a) propondo-se a imergir em uma cultura nova, diferente da sua que é ouvinte, para buscar mecanismos para ensinar seu educando surdo, demonstra um esforço para alcançar a todos sem distinção em seu fazer pedagógico.

O resultado dessa demonstração de afeto para com seu aluno resultará na confiança, admiração, respeito, carinho, segurança que o aluno precisa ter para com seu professor(a), dessa forma pode despertar no educando o interesse e o prazer pelo estudo, pela aprendizagem, porque tem o professor como modelo a seguir.

Sattine (2008) nos fala que o professor além do domínio da teoria precisa relacionar-se com seu aluno com maior intimidade para assim entendê-lo, demonstrar disposição para possíveis mudanças ao perceber que está acontecendo algo a provocar o distanciamento entre eles, seja por uma falha interacional, ou qualquer que seja o equívoco, que venha ocasionar o distanciamento entre professor e aluno.

Faz-se necessário reconhecer quando existe alguma falha em sua metodologia, o aluno deve ser visto como cidadão participativo que é, o qual, tem o desejo de aprender de maneira satisfatória, não sendo apenas um receptor dos conteúdos mecanicamente programados. É necessário que haja uma preocupação por parte do mediador do conhecimento em saber se o aprendizado está acontecendo de forma satisfatória a partir

do que lhe foi ensinado. Por essa razão se faz necessário compreender a subjetividade humana para assim podermos praticar um ensino pautado no afeto.

Para fundamentar o quão é marcante e traumático na vida de uma pessoa a experiência negativa de afetividade na trajetória escolar do indivíduo, se fez necessário apresentar informações da pesquisa desenvolvida por Fernandes (2004), realizada na disciplina de matemática, na qual expõe relatos de experiências traumáticas por eles vivenciados em suas vidas escolar.

Na pesquisa, o referido autor apresenta contribuições dos sentimentos de maneira negativos motivados pela falta de afeto no processo de aprendizagem desses alunos ocasionando assim muitas vezes evasão escolar e bloqueio de aprendizagem em decorrência dessa experiência negativa. E em contraposição a experiência negativa apresentaremos relatos de experiência positiva para que assim possamos refletir acerca da postura adotada em sala de aula na qualidade de educador. Segue os relatos dos colaboradores da pesquisa elaborada por Fernandes (2004):

- *Tive uma professora na terceira série que me bloqueou, toda vez que eu fazia uma avaliação ou até mesmo um exercício, me chamava a atenção na frente de todos.*
- *Eu estava fazendo a atividade e ela chegou na minha mesa e falou que eu não ia passar de ano, que eu não sabia de nada, e ela falou na frente da minha colega.*
- *Daí, ela olhou pra mim e disse: te vira. Eu quero tudo resolvido. Se você entendeu ou não, o problema é seu.*

Um dos principais fatores que contribui para a evasão escolar e dificuldades de aprendizagem do sujeito está relacionada a afetividade por meio da relação entre professor x aluno, ou seja, uma experiência ruim onde não ouve afeto envolvido nessa relação. E na contramão da falta de afeto no ensino, segue os relatos de experiência positiva de afeto:

- *Minha professora preferida se chamava Maria Isabel, era uma senhora muito alegre, fazia com que essa matéria tão complicada se tornasse divertida.*
- *A professora que eu gostei mais foi a professora Sueli, porque ela explica tudo direitinho, por isso eu aprendi muita coisa com ela.*

Fez-se necessário apresentar esses dados elencados pelo pesquisador Fernandes (2004) para que seja observado e destacado de modo prático a importância da afetividade no ensino-aprendizagem baseada no respeito, empatia, paciência e carinho. Porque educar

não é apenas transmitir conhecimento, educar transcende a experiência de transmissão de conteúdo.

Contudo é imprescindível oportunizar ao aluno um aprendizado que busque suas próprias verdades, para isso faz-se necessário a utilização de diferentes meios, como o afeto, carinho, paciência e compreensão para que esse aluno tenha prazer em aprender. Com isso Cunha (2008, p.51) nos fala que:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares, que muitas vezes estão fechadas as possibilidades acadêmicas considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

De modo, que o afeto é uma importante ferramenta que auxilia o professor, os sentimentos sendo trabalhado em sala de aula para manter o foco do aluno no que lhes é transmitido em sala de aula, certamente pode ocasionar uma boa receptividade do mesmo, em querer aprender e simultaneamente ser participativo.

O afeto tem o poder de romper com empecilhos emocionais, de solucionar bloqueios psicológicos e também promover bem-estar no aluno, fazendo sentir-se acolhido aceito e sobre tudo respeitado, deixando-o seguro e apto a aprender. Porque bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a particularidade do seu pensamento, assim sua aula é um desafio que os instiga a querer resolver, não porque é difícil, mas porque instiga aos alunos a acompanhar o movimento do pensamento e suas idas e vindas do fluxo de pensamento faz com que o aluno faz uma reflexão acerca do que lhe é transmitido.

Antunes (2007) nos fala que é indispensável para o professor conquistar o aluno, utilizar a transmissão do conhecimento de maneira positiva a fim de envolvê-lo com palavras de incentivo e positividade, uma vez que o grau de envolvimento afetivo e emocional do docente afeta de maneira positiva ou negativa no processo de aprendizagem do aluno.

Dessa maneira, Antunes (2007) sustenta a tese de que a afetividade e as relações sociais estão intimamente ligadas, porque a função pedagógica torna-se dificultosa se o professor e aluno não mantiverem uma ligação afetiva satisfatória. Isso ocorre porque o aluno necessita estar emocionalmente envolvido, não só com o professor, mas com as

demais pessoas do convívio escolar, como colegas de sala de aula, e aos que compõe o quadro de funcionários da instituição para que o mesmo venha se sentir motivado para que a metodologia do ensino-aprendizagem ocorra de maneira positiva.

Os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, torna-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabelecem vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendizado. (ANTUNES 2007, p.?)

Portanto a relação com o outro é importante no desenvolvimento humano, pois essa relação fortalece o vínculo afetivo entre os indivíduos principalmente nos anos iniciais da vida escolar no qual favorece a avanços cognitivos de maneira satisfatória. Faz-se necessário essa interação com o outro, o ouvir, o falar, a compreensão faz com que aja uma relação de confiança e intimidade no ensino da pessoa uma vez que o professor não deve se colocar de maneira superior na posição de detentor de todo conhecimento, porque não é. Paulo Freire (1996) nos diz que ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Por isso, aprendemos sempre. Ou seja, é através da relação com o outro que estamos em constante aprendizado, professor aprende com aluno e aluno aprende como o professor e essa troca de saberes é que é fundamento no desenvolvimento humano.

5. METODOLOGIAS DE ENSINO PARA SURDO AO LONGO DA HISTÓRIA

Faz-se necessário conhecer um pouco dessa história da educação de surdos para entender melhor essas aptidões que hoje são adotadas. Tais ocorrências reverberam numa prática social, política e histórica que contribuem na posição adotada e se fazem sentir na construção de identidade do povo surdo.

A história da educação de surdos é muito antiga, porém até pouco tempo não era devidamente investigada, ou muitas vezes deixada de lado, ocasionando uma certa incompreensão nos modelos educacionais empregados para os surdos. Segundo Gesser (2012, pag.84)

“Os únicos registros relatados na literatura, por exemplo, sobre a possível existência de língua de sinais como línguas naturais surgem a partir de dois tipos de evidências: a primeira é a famosa descrição feita a partir de registros em Marthas’ Vineyard, uma ilha perto da costa de Massachusetts, Estados Unidos, com elevada incidência hereditária da surdez entre os séculos XVII e XX”.

Nessa ilha, os surdos eram vistos naturalmente como pessoas normais que não estavam a margem da sociedade tinham direitos e deveres respeitados, isso nos mostra o retrocesso na educação de surdos. Já no século XVIII o surdo era visto como pessoas normais exerciam seus direitos de cidadão, em contraponto, hoje, no século XXI muitas pessoas veem o surdo como incapaz, coitadinhos não os valorizam não lhes dão a credibilidade necessária.

Gesser (2012) acrescenta ainda que um segundo momento importante de registro na história educacional do sujeito surdo, vem da França segundo ela descrito em um livro escrito no final do século XVIII por um surdo conhecido como Pierre Desloges, de título: “Observações de um surdo-mudo”, no qual resguardava sua língua de quem desejava proibí-la.

Já em meados do século XX o médico italiano Girolamo Cardomo, evidenciou que o surdo é apto a ser educado e aprender a ler e escrever sem fala, pois uma coisa não interfere na outra, nesse seguimento tiveram outros educadores que criaram métodos para que os surdos se comunicassem como foi o caso de Pedro Ponce de Leon, Juan Pablo Bonet, Abade L´éppée.

Mas vale ressaltar que tais métodos eram alternativas para suprir uma necessidade social. Ponce de Leon é um forte exemplo, pois ele ensinou o surdo a lê escrever e a rezar, para que os mesmos tivessem direitos as suas heranças, porque o surdo por ser considerado incapaz era proibido de receber suas heranças, daí o poder financeiro foi o impulsionador do método oralista porque era através da oralidade que o indivíduo tinha prestígio social.

Já em meados dos anos 60, a língua de sinais ganha novo espaço na comunicação de surdos principalmente nos Estados Unidos, com o aparecimento da comunicação total. A comunicação total teve início depois que Willian Stokoe constatou a legitimidade da língua de sinais tal qual a língua oral. Goldfeld (2002) defendia que a comunicação total fizesse uso de qualquer recurso linguístico seja uso de sinais, oralidade ou datilologia para facilitar a comunicação. Tal comunicação é denominada bimodalismo, tal modalidade não é a melhor opção para educação de surdo, haja visto, que a mesma se contrapõe a língua de sinais que tem gramática diferente do português.

Em contramão a comunicação total está o bilinguismo, pois nessa modalidade o surdo é educado dentro de sua cultura que é a visual, tendo como primeira língua, a língua brasileira de sinais e o português como segunda língua na modalidade escrita. Skliar

(1999) afirma que a educação bilíngue não pode ser neutra nem opaca. Ela deve se estabelecer enquanto consciência política.

A educação de surdos como exercício dos direitos humanos alusivo ao surdo, um dos fatores de suma relevância nesse modelo de ensino, é que surdos constitui uma comunidade com cultura e língua própria. A língua de sinais deve ser aprendida logo nos primeiros anos de vida com adultos fluentes na língua. Porque partindo do pressuposto de que a língua de sinais precisa ser o principal meio de comunicação e a língua deve ser aprendida na modalidade escrita. Deste modo justifica Quadros (1997, p. 27)

... se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com a pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais.

Os surdos têm uma herança que é originária de ações passadas marcadas por opressões, discriminação, dominação e proibições. Mas graças a luta diária por mudança desse quadro histórico na comunidade surda que hoje há várias iniciativas e mudanças positivas na educação dos surdos: dentre elas o reconhecimento da Libras como língua de instrução do surdo, através da Lei n. 10.436 datada de 24 de abril de 2002, oficializa a Libras em todo território brasileiro. E por meio do Decreto de n.5.626 de 22 de dezembro de 2005 que foi homologada a Libras como disciplina curricular como nos apresenta o art.3º:

Libras deve ser inserida como disciplina no curricular obrigatória nos cursos de formação para exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos estados, do distrito Federal e dos municípios (BRASIL, 2005)

Mas vale ressaltar que a luta ainda permanece de modo prático, pois para uma inversão e mudança dos fatos é necessário compreender quais lutas nos engajaremos nessa história da educação de surdos, nessa e nas próximas gerações.

Mais de que duas línguas em campo, coexiste na vida desses surdos cultura e instrumentos cognitivos e para tudo isso é necessária uma infraestrutura educacional disponível a serviço. Como nos fala Sklier (1997) que para definir, reconhecer e lutar em prol de uma situação educacional como bilíngue não é garantia de que a natureza interna dessa experiência seja desenvolvida e aplicada de fato na prática.

Ou seja, ter uma lei e um decreto infelizmente em nosso país “não é garantia” de que de fato seja cumprido e respeitado, dessa maneira é necessário sempre a busca por mecanismos que possam de fato se fazer cumprir o que foi garantido por meio de muita luta. O direito foi assegurado ao povo surdo de uma educação que respeite sua cultura visual, mas, é preciso estar sempre em ordem de batalha para se conseguir valer os direitos desses sujeitos enquanto cidadãos.

A defesa de escola para surdos dentre outras ações, a luta por uma educação bilíngue, é, sem dúvida, a mais adequada e provavelmente é a pioneira das ações que crê de fato a concepção e a condição sociolinguística complexa dos surdos. Uma vez que o bilinguismo tem como propósito básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir primeiro sua língua natural que é a língua de sinais, a qual é oriunda da cultura surda, para depois ter o português que é a língua oficial do Brasil como segunda língua na modalidade da escrita.

A lei 10.436/02, regulamentada pelo decreto 5.626/05 é sem sombra de dúvidas uma grande conquista da comunidade surda, cuja lei torna a Libras como segunda língua oficial do Brasil garantindo assim sua inclusão em diversos espaços da sociedade além de apresentar desdobramentos que fortalecem os direitos linguísticos da comunidade surda, dentre eles a educação bilíngue (art.22, II, §1º).

A educação bilíngue aparece nos documentos oficiais, mais precisamente, no decreto 5626/05 onde consta que são consideradas classes e escolas bilíngues aquelas cujas as línguas de instrução no processo de aprendizagem são a Libras e o português, esse na modalidade escrita, na posição de segunda língua para alunos surdos. Para Quadros (1997) a recomendação de educação bilíngue propõe tornar acessível a criança duas línguas no contexto escolar.

Considerar a língua de sinais como língua natural, e partir dela ensinar a língua portuguesa na modalidade escrita. Estudos linguísticos revelam que a criança surda quando faz uso e tem compreensão de sua língua natural, desenvolve uma base linguística que permitirá aprender uma segunda língua com maior facilidade, uma vez que para pessoa surda não há associações entre sons e sinais gráficos a percepção da língua escrita ocorre de maneira visual.

Levando em consideração toda trajetória cronológica do acesso do surdo na educação faz-se necessário fazer uma reflexão na ação, de como está sendo desenvolvido o processo de ensino aprendizagem do aluno surdo. Esse aluno está sendo instruído (educado) dentro da sua cultura? Está sendo respeitado e assegurado seu direito a uma

educação por meio de sua língua natural de maneira afetiva, por meio do respeito, da compreensão e paciência? Estudos já comprovaram que tais atitudes fazem uma diferença significativa no processo de ensino aprendizagem do sujeito.

Partindo desse pressuposto a melhor maneira de ser praticado a afetividade no processo de ensino do surdo é por meio do bilinguismo, haja visto que é uma metodologia que respeita as especificidades linguística, culturais e metodológicas dos alunos surdos como assim apresenta estudos aqui já citados. O método do bilinguismo consiste-se em educar o surdo por meio do ensino da língua de sinais como língua natural, uma vez que:

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido a sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito- descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico. (BRITO, 1998, p.12)

Já que as línguas são naturais porque surgem de maneira espontânea e da necessidade interacional das pessoas, faz-se necessário destacar a necessidade de a instrução do surdo ser por meio de sua língua natural, uma vez que existe a necessidade interacional entre professor x aluno, aluno x professor para que haja uma mediação de conhecimento de maneira efetiva sem barreiras comunicacionais, desse modo é preciso pensar numa alfabetização por meio de sua língua natural a língua de sinais.

O bilinguismo tem como proposta dar ao aluno surdo a chance de adquirir sua língua natural desde a alfabetização escolar. A flexibilização da língua de sinais dará ao surdo a possibilidade de compreender conceitos consistente na Libras, como base de aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita.

Os surdos precisam ter o direito de escolher entre duas vertentes de educação: estudar em escola inclusiva ou em uma escola bilíngue. Mas, a maioria dos surdos angustia-se na sala de aula, em que o professor adota uma metodologia para a maioria ouvinte. (SOUZA, 2014, p. 17)

É partindo dessa compreensão que a comunidade surda confia na educação bilíngue e anseia por professores que sejam fluentes em Libras nas instituições de ensino, e que também sejam conhecedores da cultura surda, carregando como resultado metodológico a fixação do planejamento de aulas bilíngue. (PERLIN; STROBEL, 2006). Contudo, o desenvolvimento de uma aprendizagem efetiva só é possível por meio do contato mútuo e comunicativo entre professor x aluno.

6. PERCUSO METODOLOGICA DA PESQUISA

Aqui tratamos de uma parte complexa do trabalho e que exigiu de nós maior atenção enquanto pesquisador. Segundo Minayo (2001) a metodologia não só contempla a fase e exploração de campo (escolha de espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimentos dos critérios de amostragem e construção de estratégias para entrada em campo) como a definição de instrumentos e procedimentos para a análise de dados.

6.1 PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

Nossa pesquisa é de cunho qualitativo em educação porque não está preocupada com questões numéricas, mas, sim, com a compreensão de como se dá o processo de afetividade no ensino para alunos surdos no município de Caraúbas, que corresponde a um grupo social. Acreditamos que seja uma escolha consentânea para compreender qual a significação que os professores dão a afetividade no processo de ensino do aluno surdo.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 2001, pag. 21)

Em suma nossa pesquisa não visa quantificar nada, mas refletir sobre a afetividade no ensino de alunos surdos, ou seja, fazer uma reflexão na ação do professor enquanto mediador do conhecimento. Propomos aqui um compromisso e responsabilidade social e educacional para efetivar que é através da afetividade que se constrói um vínculo entre professor e aluno.

6.2 MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO

A pesquisa fora fundamentada nos princípios das narrativas (auto)biográficas, uma vez que a investigação narrativa oportuniza, portanto, o sujeito a entrar em um processo de construção de uma identidade por meio da qual uma ordenação e uma lógica serão conferidas aos eventos vividos (RICŒUR, 1985; JANNER-RAIMONDI, 2019), ou seja, é um estudo voltado para o sujeito, onde ele é o centro da pesquisa. Esse método visa compreender o caminho percorrido no campo da vida pessoal e profissional, para entender qual o significado ele dá as pessoas, coisas e lugares, assim como a relevância

que o sujeito tece sobre si próprio com consequência da narração de momentos pra ele relevante.

Por consequente, a pesquisa com narrativas oportuniza compreender as mudanças sociais e cultural do sujeito respeitando os diferentes contextos nos quais eles estão expostos. Tal método respeita a particularidade, subjetividade e complexidade do sujeito. Passeggi (2010, pag. 27) afirma que a partir das narrativas (auto)biográficas, o sujeito consciente do seu poder e do poder de querer do outro sobre sua vida e, por esse viés, a reflexividade (auto)biográfica constitui-se um processo emancipador, provocador do desejo de cuidar melhor de si e do outro. Nesse seguimento de cuidar melhor de si e do outro, podemos abordar a reflexão na ação do professor na educação do surdo pelo viés da afetividade pois é através da empatia que se constrói uma relação de confiança e respeito.

Segundo Bertaux (2010, pág. 89) a narrativa de vida não é um discurso qualquer: é um discurso narrativo que se esforça para contar uma história de vida real e que, além disso, diferentemente da autobiografia escrita, é improvisado durante uma relação dialógica com um pesquisador que orientou a entrevista para descrição de experiências pertinentes para o estudo do objeto de pesquisa. Destacando assim, a afetividade e o vínculo a ser estabelecido entre entrevistador e entrevistado, deixando claro os papéis emocionais em volta, a humanidade tanto de quem narra quanto a de quem escuta.

Jovchelovitch e Bauer (2002) afirmam que as entrevistas narrativas visam a estimular e encorajar um entrevistado ou colaborador da pesquisa a falar sobre sua história ou sobre algum acontecimento importante de sua vida e/ou de seu contexto social. E, seguindo as indicações de Schütze (1977), que sugere a sistematização das narrativas com a finalidade de realizar a pesquisa no campo social, buscou-se neste trabalho discutir a partir das narrativas de professores ouvintes, construir espaços de legitimação de suas narrativas que expressam como acontece a afetividade no processo de ensino de alunos surdos.

Para realizar as entrevistas narrativas, fizemos uso das propostas dispostas por Jovchelovitch e Bauer (2002), que consistem em cinco fases: preparação, iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva.

Quadro 1 - Fases principais da entrevista narrativa

Fases da Entrevista Narrativa	Regras para a entrevista
Preparação	Exploração do campo; Formulação de questões <u>exmanentes</u> .

Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração; Emprego de auxílios visuais (opcional).
Narração central	Não interromper. Somente encorajamento não verbal ou paralinguístico para continuar a narração. Esperar para sinais de finalização (“coda”).
Fases da Entrevista Narrativa	Regras para a entrevista
Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?”. Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes. Não discutir sobre contradições. Não fazer perguntas do tipo “por quê?”. Ir de perguntas exmanentes para <u>imanentes</u> .
Fala conclusiva	Parar de gravar. São permitidas perguntas do tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Fonte: Jovchelovich e Bauer (2002)

Dessa maneira, após as entrevistas narrativas, fizemos a transcrição destas, em seguida, a devolvemos ao colaborador para que ele pudesse ter ciência da transcrição e validar nosso respeito e ética para com sua história. Após a ratificação do colaborador iniciamos uma leitura cuidadosa e reflexiva sobre sua fala, para então iniciarmos nosso processo de análise.

Reiteramos ainda que seguindo um princípio de Jovchelovitch e Bauer (2002), que tem sido adotado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação (GEPNAE), fazemos uma análise temática. Esse tipo de análise se dá pela recorrência discursiva, a partir das experiências compartilhadas pelo nosso colaborador fazemos uma análise sócio, político e ideológico do indivíduo marginalizado como o surdo.

6.3 COLABORADORES DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida com uma professora e uma intérprete onde ambas trabalham com uma criança surda na mesma sala de aula, com o perfil selecionado a partir dos seguintes critérios: ser professora ouvinte de aluno surdo no ensino fundamental e intérprete ouvinte atuante na educação do Ensino Fundamental. A partir desses critérios, nossas colaboradoras formaram um grupo homogêneo, composto por duas e mulheres, com idades entre 22 e 37 anos, uma sendo pós-graduada em educação, e a segunda

graduanda em Letras Libras na modalidade presencial pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, oriundas da mesma cidade com experiências profissionais distintas.

Consideramos relevante apresentar os colaboradores da pesquisa, bem como os respectivos sexos, idades, modalidade da graduação, objetivando traçar o perfil de cada uma para facilitar e aproximar a análise das narrativas. Os nomes utilizados para identificar os professores são fictícios e escolhidos por cada uma delas a fim de ser respeitado o direito ao seu anonimato, previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos colaboradores da pesquisa. Abaixo segue uma tabela que pode nos auxiliares a conhecer de maneira geral o perfil das colaboradoras da pesquisa, situando suas idades atuais, a cidade e estado de origem, bem como seu nível de escolaridade.

Tabela - Perfil dos colaboradores

Nome	Idade	Profissão	Cidade/Estado	Ensino Superior
Flora	37	Professora	Caraúbas/RN	Pós-Graduada
Eva	22	Interprete	Caraúbas/RN	Graduanda do 9º Letras Libras

Fonte: autoria própria (2021)

7. AFETIVIDADE E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS NARRATIVAS DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Diante do que foi exposto e teorizado sobre afetividade, compreendemos que esta é construída por meio das vivências e experiências de cada um, com manifestações e comportamentos de intenções, crenças, valores, sentimentos, e desejos, e estes aspectos influenciam nas relações, e automaticamente reflete no ensino aprendizagem também. No entanto, a vida do ser humano em geral, permanece ligada aos processos psicológicos, envolvendo situações sociais de desenvolvimento em que a pessoa está envolvida.

O desenvolvimento da pessoa como um ser completo não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta movimentos que implicam integração, conflitos e alternâncias na predominância dos conjuntos funcionais. No que diz respeito à afetividade e cognição, esses conjuntos revezam-se, em termos de prevalência, ao longo dos estágios de desenvolvimento. Nos estágios impulsivo-emocional, personalismo,

puberdade e adolescência, nos quais predomina o movimento para si mesmo (força centrípeta) há uma maior prevalência do conjunto funcional afetivo, enquanto no sensório-motor e projetivo e categorial, nos quais o movimento se dá para fora, para o conhecimento do outro (força centrífuga), o predomínio é do conjunto funcional cognitivo (2008, apud FERREIRA; ACIÓLY-RÉGNIER, 2010, p. 4).

Compreendemos assim, que o professor desempenha um papel muito relevante como mediador na vida e na aprendizagem do aluno, favorecendo a construção do seu conhecimento, e o afeto é um meio pelo qual o professor pode usar para se aproximar dos alunos, valorizando suas experiências trazidas de casa

Com isso, desejamos conhecer como se dá o processo de afetividade para surdo no ensino fundamental da cidade de Caraúbas, para tal, realizamos entrevistas com a professora do Ensino fundamental e a intérprete de Libras do mesmo nível de ensino da escola Municipal Jonas Gurgel situada na rua: Professor Lourenço Gurgel, no bairro: Leandro Bezerra na cidade de Caraúbas/RN que tem em seu quadro de funcionário 57 servidores que atendem 348 alunos distribuídos em três turnos, manhã, tarde e noite, desses 348 alunos 5 são surdos 4 no turno da noite no ensino da EJA e uma no turno da manhã no ensino fundamental, e a partir de seus relatos das colaboradoras, pudemos conhecer também as situações vividas por elas em sala de aula e as ocorrências provocadoras pela afetividade.

Partindo do pressuposto do que é afetividade e sua relevância, e o nosso entendimento sobre educação de surdos, encontramos na professora e na intérprete do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jonas Gurgel, na qual tem uma aluna surda, a oportunidade e a possibilidade de conhecermos e compreendermos a partir da narrativa das profissionais da educação como se dá esse processo na cidade de Caraúbas.

7.1 SENTIMENTOS E ENSINO, TROCA DE SABERES

A afetividade é muito importante para que possamos criar um vínculo mais forte entre nós e nossas crianças, para que ambas possam se sentirem seguras e confiantes em nosso meio. (Excerto retirado da narrativa da professora Flora, 2021)

Ressaltamos que a afetividade entre professor e aluno é um dos fatores que pode favorecer ainda mais a aprendizagem na escola. Dalbosco (2011) nos apresenta a participação afetiva como fundamento da ação humana: de modo que segundo este autor,

o vínculo emocional-afetivo é fator decisivo na construção do mundo humano significativo. Pois é a carga de emoções que nos permite ser quem somos, que dá forma as nossas subjetividades, tal relato tem uma tonalidade agradável sobre a relação efetiva e ensino

A afetividade que uso no meu seio familiar, na minha opinião, nem sempre será adequada para sala de aula, pois essa afetividade familiar tende a ser ordenada por emoções que normalmente atrapalham a razão. Na sala de aula, essa afetividade dependendo da maneira que ela é manifestada mesmo que seja com intenção de fazer o bem, pode ocasionar o mal no sentido de não ser de cunho ajudar na hora de ensinar. (Excerto retirado da narrativa intérprete Eva, 2021).

Nesse relato foi possível encontrar um tom um tanto quanto desagradável, uma vez que devemos levar em consideração que a escola é um ambiente propício para se desenvolver as relações de afetividade, visto que é importante ter um desenvolvimento afetivo de personalidade enquanto indivíduo ativo de sua vida, assumindo-se como meio facilitador no processo de ensino aprendizagem e também na relação de professor x aluno, uma vez que a escola é um agente que promoverá o sucesso ou fracasso escolar da pessoa. Segundo Lima (2008, p. 47):

Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos. Ao contrário da família, na qual a sua posição é fixa, na escola ela dispõe de uma maior mobilidade, sendo possível a diversidade de papéis e posições. Dessa forma, o professor e os colegas são interlocutores permanentes tanto no desenvolvimento intelectual como do caráter da criança, o que poderá ser preenchido individual e socialmente.

Sabemos que o papel do professor é de orientar as atividades dos alunos, criando condições para que aprendam gradativamente, o que expressa e representa o convívio escolar perante a realidade do aluno. Porquanto a criança se desenvolve não só aprendendo o que lhe é ensinado na escola em se tratando de teoria, é para além disso, também aprende a relacionar-se efetivamente com os outros, portanto a dimensão afetiva do desenvolvimento da criança se auto produz e reproduz junto ao grupo social daí a importância da relação afetiva no convívio escolar uma vez que a criança tem o professor como modelo.

7.2 FUNCIONALIDADE AFETIVA EM SALA DE AULA PARA SURDO

Os benefícios pedagógicos que se pode obter no processo de ensino-aprendizagem com a utilização do afeto como ferramenta utilizada por essas profissionais são inúmeras, e esses relatos vem nos apresentar que condições favoráveis de ensino-aprendizagem foram criadas neste contexto, proporcionando um clima de descontração e confiança entre alunos e suas professoras. *A afetividade na sala de é permitir que o aluno seja personagem de sua própria aprendizagem, para que ele possa se desenvolver com autonomia. (Excerto retirado da narrativa intérprete Eva, 2021).*

Favorecer a autonomia do sujeito oferecendo-lhes mecanismo para seu desenvolvimento é de fato um motivo agradável no ensino da pessoa surda, uma vez que o surdo por vezes é visto como incapaz. A educação inclusiva se destina aos alunos pertencentes a minorias sociais que por diversos motivos, não estavam anteriormente, presentes nas escolas e salas de aulas regulares, Justifica Crochik (2011, p. 38)

De modo que compreendemos que os alunos surdos não devem ser rotulados como incapazes de conviver com a sociedade, porque temos conhecimento de sua capacidade em sala de aula diariamente. Assim sendo, acreditamos que a escola é um espaço de trocas de experiências e a conservação do sucesso do aluno se dá por meio do afeto, respeito.

Na nossa sala sempre priorizamos o respeito entre ambos todos interagem um com o outro independente de suas limitações; sempre tentamos transmitir que todos nós precisamos da ajuda um do outro para que possamos atingir o que queremos, e isso se dá através do respeito, atenção, carinho entre nós em sala de aula e também no mundo lá fora (Excerto retirado da narrativa da professora Flora, 2021)

Diante desse relato foi possível perceber nuances agradáveis em que a relação professor-aluno passa sobretudo, pelo respeito, compreensão e carinho nas relações interpessoais. Freire (1996-2015) nos revela e reconhece o ser humano como ser em constante mudança, incompleto em uma realidade também inacabada e juntamente com essa realidade inacabada Freire (1996) considera que os homens se tornam conscientes de suas limitações, por serem seres que se superam, pois para os mesmos a acinesia é uma intimidação fatal, o passado é o meio pelo qual o homem faz uso para compreender com nitidez quem são e o que são para construir um futuro com mais sabedoria em quanto seres em sociedade.

A interação afetiva nesse ambiente é muito importante no processo educacional desse aluno, mantendo-se um envolvimento interativo entre professor e aluno e a comunidade escolar como um todo, fazemos adaptações de atividades, produzimos vídeos junto com a intérprete e planejamento e a flexibilidade nas dificuldades da nossa aluna; (Excerto retirado da narrativa da professora Flora, 2021)

Para facilitar o processo afetivo e de aprendizagem também, me desprendo de fato da profissão de intérprete e sou mais professor, pois a aluna não é alfabetizada em Libras nem em português, levamos em consideração que primeiro essa aluna surda precisa aprender Libras para poder entender a interpretação. Para que isso seja possível futuramente realizamos um trabalho conjunto, todo planejamento relacionado as aulas acontece entre professora e intérprete, é nítido que a professora tem preocupação com sua aluna, apesar que isso deveria ser o básico, muito vemos que alguns professores veem o aluno surdo como um aluno que tem sua aprendizagem por responsabilidade do intérprete, a mesma tem preocupação em junto com o profissional de Libras adaptar as atividades, trabalhamos na tentativa de quando percebermos que certa forma não está sendo proveitosa, procuramos outras, tentamos atividades que complemente conteúdo do plano de aula (Excerto retirado da narrativa intérprete Eva, 2021).

Nesse sentido, a afetividade no espaço escolar como metodologia é uma ferramenta fundamental para o ensino aprendizado, e sua falta pode prejudicar o educando, e em se tratando do educando surdo a falta dessa ferramenta acarretaria em um desanimo no querer aprender uma vez que não houve estímulo afetivo no ensino. Diante do foi apresentado pelos autores e confrontado com os relatos da professora e da intérprete é possível encontrar tonalidades agradáveis e favoráveis a uma metodologia afetiva para o surdo.

7.3 DIFERENÇAS AFETIVA NO ENSINO DE SURDOS EXISTE?

A afetividade é elemento imprescindível no processo de ensino aprendizagem de qualquer indivíduo independentemente do lugar que ele ocupa na sociedade, porém é necessário refletirmos se essa afetividade é exercida de maneira igualitária ou há variáveis que nos condicionem a aplica-la de maneira diferente. Diante disso, as nossas colaboradoras nos revelam que:

Sim, eu acredito que exista diferença pois a maioria dos alunos surdos vem de lares em que a família não se comunicam com eles em Libras ou muitas vezes nem mesmo existe uma comunicação que permita que o sujeito surdo cresça com conhecimento de mundo, essa realidade familiar se confronta com a realidade escolar, o que requer dos educadores mais atenção, paciência e vontade de buscar novas estratégias para que possibilite o aluno surdo entender o que está acontecendo na sala de aula e aprender, ou seja o professor precisa ser mais afetuoso para entender que o aluno surdo tem a mesma capacidade do ouvinte em aprender (Excerto retirado da narrativa intérprete Eva, 2021).

Ainda sim existe diferenças nesse processo, existem dificuldades na interação e incertezas de como adaptar e conseguir elaborar estratégias para melhorar e incluir esse aluno, porque o que se deseja realmente (meu caso) é que esse aluno não seja apenas incluído a uma sala de aula regular, mas que se encontrar dentro daquele ambiente e se familiarizar com todos ao seu redor[...] sou professora de uma aluna auditiva e recebi essa linda missão de tê-la na minha turma de alfabetização[...] trabalhar com essa criança de forma afetiva nos ajuda a ter uma compreensão nos anseios dessa criança e permite que a mesma se sinta acolhida por nós e seus colegas para que se sinta num ambiente pertencente a ela, (Excerto retirado da narrativa da professora Flora, 2021).

Diversos estudos vêm mostrando a questão da subjetividade e sua relação com o ensino-aprendizado, deixando em evidencia cada vez mais sua relevância nos mais diferentes aspectos. Osti e Brenelli (2013) afirmam que uma grande porcentagem de alunos demonstra uma visão negativa de si mesmo.

Durante os estudos fez-se uma reflexão da suposição de que um indivíduo necessita conviver em grupo em uma sociedade e conservar relações para assim se compreender enquanto ser humano e desenvolver consciência multidimensional, aberta para diversidade da convivência social. De modo que se torna indispensável as relações afetivas positivas e significativas, não só fora do ambiente escolar, como dentro dele para que se possa adquirir conhecimento mediante a construção do seu eu. Com isso, podemos falar em uma pedagogia do amor como assim defende Freire em seus escritos.

8. CONCLUSÃO

A questão norteadora desta pesquisa surgiu muito antes de pensar em escrever o texto de conclusão de curso de uma das pesquisadoras. Devido ao fato de ter passado por experiências tanto positiva, quanto negativa no que diz respeito a afetividade, durante a graduação e seu envolvimento com o povo surdo, passou a refletir sobre essas experiências a partir de um outro viés. O viés do educador para com seu aluno surdo, já que ela mesmo logo estará atuando como professora de Libras.

O afeto é um tema que precisa ser dialogado no processo educativo nas instituições de ensino, pois é uma ferramenta muito relevante a qual o professor pode obter um resultado satisfatório no desenvolvimento do seu aluno, para isso, faz-se necessário uma relação de confiança, respeito e de segurança entre professor x aluno que pode ser exercida por meio do afeto.

Para realizarmos esse estudo fizemos uso da metodologia qualitativa em educação fundamentadas nos princípios epistemológicos das narrativas (auto)biografia e como procedimentos metodológicos de recolha do *corpus* as entrevistas narrativas. Dessa maneira, a partir desses relatos pode-se analisar a afetividade no processo de ensino para surdo no Ensino Fundamental da cidade de Caraúbas.

A pesquisa nos revelou resultado satisfatório no que diz respeito ao processo de ensino aprendizagem. Depreendemos a partir das falas de nossas colaboradoras que há um tom agradável no emprego da afetividade como ferramenta no processo de ensino para surdos, por meio do grande esforço que as profissionais têm feito para conseguir resultados satisfatório no processo de aprendizagem de sua aluna surda.

A partir das nossas compreensões das leituras e exposições no referencial teórico, podemos perceber também nas narrativas das nossas colaboradoras que há por parte delas empatia, o respeito, a busca por alternativas voltadas para solucionar as dificuldades da aluna e a inclusão dela no âmbito escolar valorizando as particularidades e subjetividades da aluna. Por fim podemos considerar que existe afeto no ensino para surdo no Ensino Fundamental do município de Caraúbas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. (1999) **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de Vida: Pesquisa e seus métodos**. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo:Paulus,2010
- BRIGGS, D. CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak 2008. C. A autoestima do seu filho. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CROCHÍK, José Léon. et al. **Preconceito e educação inclusiva**. Brasília: SDH/PR, 2011
- DALBOSCO, C. A. “**Reificação, reconhecimento e educação**”. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, 2011, p. 33-49.
- FREIRE, Paulo (1997). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERNANDES, Ademilson Aparecido Tenório. Quem tem medo de matemática? Sentimentos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de matemática por alunos da suplência. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. (orgs) **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- GALVÃO, I. **Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 2003. (Coleção Educação e Conhecimento). Y, L. S. Psicologia pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GREENBERG, L. S.; RICE, L.N.; ELLIOT, R. **Facilitando el cambio emocional: el proceso terapêutico ponto por ponto**. Barcelona: Paidós, 1996.
- Henri Wallon (antologia). São Paulo: Ática, 1986.
- _____. **A evolução psicológica da criança**. Tradução de Cláudia Berliner, São Paulo: Martins Editora, 2007.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; Bauer, Martin W. Entrevista Narrativa. IN: BAUER, M, W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, Imagem e Som: um manual prático**, 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes,2002
- LIMA, Camila Machado, **Educação de surdos: Desafios para a prática e formação de professores**. Rio de Janeiro: Work,2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2002.

OLIVEIRA, Ivone M. **O sujeito que se emociona: signos e sentidos nas práticas culturais**. Tese de Doutorado. Faculdade WALLON, H. A atividade proprioplástica. In: NADEL-BRULFERT J. & WEREBE, M.J.G.

OSTI, A.; BRENELLI, R. P. “**Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem**”. Psico-USF, Itatiba, v. 18, n. 3, 2013, p. 417-426.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório**. In: PASSEGGI, Maria da Conceição;

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência**. Tradução de Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2014.

_____. Psicologia e edu PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência**. Tradução de Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2014. cação da infância. Li de Educação da Universidade de Campinas. Campinas, 2001.

QUADROS, R. M. (1997). **Educação de surdos: aquisição de linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Artes Médicas.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SILVA, N.P. **Entre o público e o privado: um estudo sobre a fidelidade à palavra empenhada**. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002.

SILVA, Vivian Batista da. (Orgs). **Intervenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. Cultura Acadêmica, São Paulo, 2010.

SKLIER, C. (1997). **A educação para surdos entre a pedagogia especial e as políticas para a diferença**. Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngue para Surdos. Rio de Janeiro: INES, pp. 32-47.

SOUZA, Rita de Cácia Santos, **Introdução aos estudos sobre educação dos surdos**. et.al – Aracaju: Editora Criação, 2014. p.164. PERLIN, Gladis;

STROBEL, Karin Lilian. **Fundamentos da educação de surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras na modalidade a Distância. Florianópolis, 2006.

SAUD, Claudia Maria Labrinas Roncon. Com a palavra, as crianças: Os sentimentos de alunos e alunas da 1ª série do ensino fundamental. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. (orgs) **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos, **O processo da criança: noções fundamentais presentes nas teorias de Vygotsky, Wallon e Piaget**, In: Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALLON, Henri (1937). **Psicologia e educação da infância**. In: Psicologia e educação da criança. Trad. Ana Rabaça e Calado Trindade. Lisboa: Editorial Vega, 1979.

WALLON, Henri. (1949). **Les origines deu caractere chez i' enfant**. Paris: Presses Universitaires de France. (original em 1934).

WALLON, Henri. (1970). **Les origines de la pensét ches i' enfant**. Paris: P. U. F. original. (1959). **Le rôle de i' autre' dans la conscience du i' moi'**. Enfance, 3-4, pp.279-286. (original em 1946).

WALLON, Henri. (1959). **Le rôle de i' autre' dans la conscience du i' moi'**. Enfance, 3-4, pp.279-286. (original em 1946). In. Vasconcelos, Maria Ramos. Perspectiva coconstrutivista na psicologia e na educação, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.